

## Apresentação

Myriam Crestian Chaves da CUNHA  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Thomas Massao FAIRCHILD  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

O 36º volume da Revista Moara reúne quatorze artigos que compõem um painel bastante diverso em termos de objetos de pesquisa, perspectivas teóricas e estilo. Por essa razão, os textos aqui reunidos encontram-se ordenados de forma que se possa considerá-los como compondo três conjuntos, ainda que bastante diversos. O primeiro desses conjuntos inclui seis artigos que tratam de diferentes aspectos da descrição em línguas. São trabalhos que têm como objeto a língua portuguesa, a toponímia brasileira e uma língua indígena, e que abordam esses objetos desde uma perspectiva sincrônica ou diacrônica. O segundo conjunto reúne dois artigos que abordam o fenômeno linguístico do ponto de vista da enunciação. O terceiro conjunto reúne seis textos que tratam do ensino-aprendizagem de línguas, e que discutem temas como a formação de professores, fontes e procedimentos para o ensino e instrumentos de aferição de aprendizagem, tanto no ensino de língua portuguesa como no de línguas estrangeiras. Encontram-se neste volume textos que se configuram como exposição de resultados de pesquisas, como relatos reflexivos de experiências e como ensaios de natureza mais teórica. Seus autores são pesquisadores em diversos momentos da formação – professores em atuação no Ensino Superior, estudantes de pós-graduação e uma professora da Educação Básica. Trata-se de um mosaico que, a nosso ver, expressa a riqueza das pesquisas atualmente realizadas na área de estudos da linguagem no Brasil e mostra uma variedade de formas de produzir conhecimento.

A fim de orientar o leitor, incluímos nesta introdução uma síntese de cada um dos textos apresentados no volume.

No artigo que abre a revista, Eduardo Penhavel discute, com base na gramática textual-interativa, a estruturação interna de segmentos tópicos mínimos, dando ênfase à análise de casos em que essa estruturação se mostra flexível em relação aos padrões mais frequentes.

Os dois trabalhos seguintes investigam fenômenos fonológicos na formação da língua portuguesa em uma perspectiva diacrônica, ambos tomando como corpus as Cantigas de Santa Maria – um conjunto de textos datados da segunda metade do século XIII. O texto de Juliana Simões Fonte discute a origem do ditongo nasão *-ão* em português, procurando evidências que ajudem a determinar em que momento as terminações latinas *-anu*, *-ane* e *-one* teriam convergido em uma única terminação nos nomes portugueses. Já o texto de Ana Carolina Cangemi e Thais Holanda de Abreu descreve a formação de diminutivos como formas simples ou compostas (com acento secundário) e os processos de sândi vocálico externo, pautando-se nos preceitos da Fonologia Métrica e localizando evidências por meio da escansão dos versos das cantigas tomadas como *corpus*.

Os dois trabalhos seguintes são estudos sobre toponímia indígena. O artigo de Kênia Mara de Freitas Siqueira analisa os topônimos de origem akwe-xerente na área indígena xerente das perspectivas intra e extralinguística, discutindo tanto a estrutura de classificação nominal dessa língua (sobretudo com base no conceito de “capa linguística”)

quanto as relações possíveis entre nomeação e cultura. O artigo de Lucimara Alves da Conceição Costa e Vitória Regina Spanghero, por sua vez, estuda a toponímia rural nas regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda (MS), enfatizando a forte influência indígena no processo de formação dos topônimos daquela região.

O sexto trabalho deste volume, de Antônia Alves Pereira, descreve a formação das orações subordinadas adverbiais em asurini do Xingu, mostrando que se dá por meio de dois processos: a nominalização e o uso dos morfemas subordinadores {-rame} e {-ramu}.

Um segundo conjunto de trabalhos inclui o sétimo e o oitavo textos deste volume, que se debruçam sobre a análise de aspectos linguísticos relacionados à enunciação. O texto de Pedro Farias Francelino baseia-se no dialogismo de Bakhtin para discutir as formas de organização do discurso do outro em charges políticas. O estudo discute, em especial, a relação entre autoria e polifonia, propondo alguns apontamentos sobre a constituição da singularidade por meio de um trabalho sobre as vozes do discurso.

Em uma perspectiva teórica distinta, José Vicente Santos Mendes discute em seu artigo o que nomeia de “construção moralizante ou moralizadora” (CM), construção topicalizada que constitui um subtipo de “construção de realce” (CR). A partir de exemplos de CM similares ao que é oferecido no título do artigo – “essa roubalheira em Brasília, ninguém merece” –, o autor propõe um modelo para a descrição da estrutura sintática das CM e discute a semântica desse tipo de construção bastante frequente no português brasileiro.

Os seis últimos artigos do volume compõem um conjunto de trabalhos que têm em comum o fato de se voltarem para discussões sobre o ensino-aprendizagem de línguas. Em “Quando o professor recorda... considerações sobre o passado do ensino de Língua Portuguesa”, Graziela de Lucci Angelo discute algumas transformações no campo do ensino de língua materna no Brasil a partir dos depoimentos de duas professoras que as experienciaram de lugares diferentes – uma delas mais ligada à tradição filológica e outra, mais próxima das propostas vinculadas à Linguística. Além de retomar um momento de transição crucial na história da disciplina de Língua Portuguesa, a autora coloca em discussão o próprio estatuto da palavra do professor como fonte de pesquisa, deixando assim uma contribuição importante para futuras pesquisas na área.

O texto seguinte, de Nilsa Brito Ribeiro, discute a relação entre a disciplina de Língua Portuguesa, as políticas de formação de professores e as conjunturas sócio-históricas que as informam em diferentes momentos. Baseando-se teoricamente na Análise do Discurso de linha francesa, o trabalho traz como contribuição colocar as perspectivas mais recentes para o ensino da língua materna em uma perspectiva histórica e política, levando a discussão sobre objetos de ensino para além da esfera didática.

Rute Almeida e Silva e Maria Rosa Petroni, por sua vez, trazem um relato de sua experiência em um programa de formação continuada no qual analisam as relações entre o material didático disponibilizado pelo programa, as orientações teóricas mais recentes para o ensino de Língua Portuguesa e as práticas de ensino dos professores participantes. Seu trabalho aponta discrepâncias entre as propostas situadas em um plano teórico e sua materialização didática, sobretudo na forma das propostas de escrita apresentadas aos professores participantes, que podem contribuir para o aprimoramento de ações dessa natureza. Destaque-se o fato de uma das autoras do artigo ser professora da Educação Básica, fato ainda pouco frequente na produção acadêmica brasileira e, sem dúvida, sinal positivo da participação crescente de diversos profissionais da Educação na esfera da produção de conhecimento acadêmico.

Também em um tom de relato, as autoras Rosane Maria Bolzan e Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão trazem, na sequência, reflexões sobre a experiência de realização de um curso voltado para os estudos de Lexicografia e o uso de dicionários em sala de aula. O trabalho tem o mérito de abordar uma prática muito frequente nas escolas, mas poucas vezes visitada com maior profundidade. O viés prático do texto, que em todo caso não se furta de estabelecer relações possíveis entre a Lexicografia e o ensino de língua, é um convite para a multiplicação de propostas dessa natureza.

Os dois últimos artigos deste volume versam sobre o ensino de línguas estrangeiras. Adriana Claudia Martins Figuera discute a constituição da interlíngua por estudantes de inglês com diferentes níveis de proficiência. Valendo-se de um teste de preferência composto por 32 perguntas, a autora analisa como os estudantes processam a relação entre significado, forma e saliência perceptual dos tempos *Present Progressive* e *Simple Present*. A partir dos resultados obtidos, a autora tece considerações para o ensino de inglês como segunda língua para brasileiros.

No texto que fecha este volume, Andréa Cesco, em tom de ensaio, discute o uso de frases feitas e expressões idiomáticas no ensino do espanhol como língua estrangeira. A autora elenca algumas dessas expressões, buscando em dicionários exemplos de uso e indícios de mudanças no seu sentido ao longo do tempo. Seu percurso argumentativo ilustra de forma viva uma série de procedimentos que o professor pode realizar e diversas fontes que pode usar em prol da construção de um ensino autoral, em que se articulam o estudo do léxico, da sintaxe, da semântica e da história da língua.

Com este breve panorama dos trabalhos que compõem o 36º volume da Revista Moara, esperamos que o leitor possa localizar mais facilmente os temas que são de seu interesse.

Boa leitura!